

**A INSERÇÃO DE VOZES SILENCIADAS EM ROMANCES DE ESCRITORAS
CONTEMPORÂNEAS DE ORIGEM CARIBENHA**

**INSERTION OF SILENCED VOICES IN NOVELS BY
CONTEMPORARY FEMALE WRITERS OF CARIBBEAN ORIGIN**

Maria Cláudia Simões¹

Resumo:

A produção de escritoras contemporâneas de origem caribenha fomenta significativamente a audição de vozes abafadas pelo poder etnocêntrico. A dominicano-americana Nelly Rosario e haitiano-americana Edwidge Danticat são exemplos de escritoras que contribuem para a inserção dessas vozes. Este artigo discute *Song of the Water Saints*, de Rosario, e *Breath, Eyes, Memory*, de Danticat, como espaços de reflexão sobre questões relacionadas à dominação em diversos níveis e à criação de imagens distorcidas de grupos ou povos. Tais obras podem ainda instigar uma reavaliação de si mesmo efetuada pelo dominador e pelo dominado, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e fomentando um vigoroso cenário de reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: subalterno, haitiano-americano, dominicano-americano

Abstract:

The production of contemporary female writers of Caribbean origin significantly fosters the hearing of voices muffled by ethnocentric power. Dominican-American Nelly Rosario and Haitian-American Edwidge Danticat are examples of female writers who contribute to the insertion of those voices. This article discusses Danticat's *Breath, Eyes, Memory* and Rosario's *Song of the Water Saints* as spaces for reflection on issues related to domination at various levels and creation of distorted images of groups or peoples. Such works may instigate self-evaluation carried out by the dominator and the dominated one, contributing to the deconstruction of stereotypes and fostering a vigorous scenario for reflection on the subject.

Keywords: subaltern, Dominican-American, Haitian-American

Eu não tinha documentos de identificação; não pude concluir o ensino médio.

¹ Doutorado em Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. E-mail: simoes_me@yahoo.com.br.

Estou preso na sétima série para sempre.

Ruben Chery, 33 anos, barbeiro no bairro de Little Haiti,
em Santo Domingo, República Dominicana

A declaração em epígrafe, proferida por um cidadão de descendência haitiana, nascido na República Dominicana, oferece um retrato das consequências da política cerceadora e preconceituosa desferida pelo governo dominicano contra indivíduos em situação similar. Durante anos, na República Dominicana, o acesso à educação requeria documentos de identificação, que, por sua vez, estavam atrelados a provas de cidadania dominicana, muitas vezes negada a pessoas com descendência haitiana nascidas em solo dominicano. A partir do ano de 2013, mediante a emissão de um memorando do Ministério da Educação da República Dominicana, o acesso aos ensinos elementar e secundário passou a ser permitido àqueles que não possuíam documentos de identificação. Contudo, tal medida parece desempenhar mais um papel de instrução às autoridades de ensino do que uma força de lei propriamente dita, uma vez que não ocorre a fiscalização da adoção dessas instruções. Wade McMullen, advogado da Organização Robert F. Kennedy Human Rights, pontua que, pela solução apresentada, o governo “lava as mãos de qualquer responsabilidade”. (GARCIA, 2015)

Ainda que, atualmente, lhes seja permitido o acesso à educação básica, os nascidos na República Dominicana e desprovidos de documentos de identificação acabam por não terem a possibilidade de prosseguir em seus estudos, uma vez que as Instituições de ensino superior continuam a exigir esse tipo de documentação. Destaque-se que, no ano de 2013, uma decisão judicial polêmica da Corte Constitucional da República Dominicana determinou a revogação da cidadania dos indivíduos considerados “em trânsito”, cuja definição foi aplicada retroativamente a todos os pais, em situação irregular, de crianças nascidas no país desde 1929. (SEMPLE, 2013). Essa decisão judicial atinge significativamente milhares de indivíduos dominicanos de origem haitiana, perpetuando um ciclo de marginalização desse grupo. Tratados como cidadãos de segunda classe no local que reconhecem como sendo seu lar, os dominicanos de origem haitiana sentem as consequências de uma política de desnacionalização que parece permanecer imbuída a silenciar suas vozes.

A produção de escritoras contemporâneas de origem caribenha fomenta significativamente a possibilidade de que sujeitos silenciados pelos poderes dominante e

patriarcal encontrem um espaço para seu reconhecimento e para sua inserção. A dominicano-americana Nelly Rosario e a haitiano-americana Edwidge Danticat, cujas obras foram selecionadas para o presente artigo, são um importante exemplo desta vasta gama de escritoras que despontaram a partir das últimas décadas do século XX e que tanto contribuíram e continuam a contribuir para a inscrição de vozes silenciadas. Este artigo discute os romances *Song of the Water Saints*, publicado em 2002, da escritora dominicano-americana Nelly Rosario, e *Breath, Eyes, Memory*, publicado em 1994, da escritora haitiano-americana Edwidge Danticat.

O romance *Song of the Water Saints*, de Nelly Rosario, é centrado em três personagens femininas dominicanas: Graciela, sua filha Mercedes e sua bisneta Leila. Ainda que o romance seja centrado nessas três personagens, este artigo objetiva focalizar somente mãe e filha. O romance inicia-se no ano de 1916, sob a ocupação estadunidense no país. No decorrer da obra, o leitor tem um recorte da vida de uma parcela da população da República Dominicana, tanto em solo materno quanto em solo estadunidense. O romance estende-se até a década de 1990, quando Mercedes parte para os Estados Unidos com sua neta Leila, o marido e o filho, em busca de melhores condições de vida. A obra proporciona relevantes oportunidades de discussão sobre as relações de exploração e de opressão direcionadas aos sujeitos silenciados e marginalizados, oferecendo espaço para a inserção de vozes abafadas pelo poder etnocêntrico.

Song of the Water Saints inicia-se com a descrição de um cartão cujas questões, nele envolvidas, acabam por contribuir para a visibilidade de um povo. É verdade que, somente no decorrer da narrativa, será possível observar um panorama mais abrangente do cenário envolvido. Ainda assim, é possível perceber a atmosfera exótica e de objetificação que é estabelecida. Nessa página que antecede o início da narrativa em si, encontramos a indicação de um cartão, com a descrição de uma fotografia na qual um rapaz e uma moça nus de pele cor de cobre, em um país desconhecido, se encontram em um ambiente exótico, criado de forma estereotipada: “Eles se reclinam em um sofá vitoriano cercado por objetos de cerâmica egípcia de papelão, um tigre selvagem de pelúcia, um tambor de brinquedo, e coqueiros envernizados. Uma pradaria americana aparece atrás deles em tintas foscas.”² (ROSARIO, 2002, p. 3)³.

² Texto original: “They recline on a Victorian couch surrounded by cardboard Egyptian pottery, a stuffed wild tiger, a toy drum, and glazed coconut trees. An American prairie looms behind them in dull oils.” (ROSARIO, 2002, p. 3).

O cartão apresenta um cenário caricato no qual objetos coexistem de maneira ilógica e teatral. Tal cena já encerra a imagem construída pelo colonizador em relação ao colonizado. O cartão oferece um retrato do olhar do dominador que enxerga o dominado como o oposto absoluto de tudo o que o Ocidente prega e defende. Stuart Hall destaca:

Sem o Resto (ou os seus próprios “outros” internos), o Ocidente não teria sido capaz de se reconhecer e se representar como o topo da história humana. A figura do “Outro”, banido para a beira do mundo conceitual e construído como oposto absoluto, a negação, de tudo o que o Ocidente defende, reapareceu no mesmo centro do discurso da civilização, do refinamento, da modernidade, e do desenvolvimento no Ocidente. O “Outro” era o lado “escuro” – esquecido, reprimido e negado; a imagem reversa do Iluminismo e da modernidade.⁴ (HALL, 2005, p. 221).

Uma leitura do início do romance, já pela descrição do cartão, pode ser a tentativa de lançar o leitor, logo no primeiro momento, no ambiente estereotipado que entrelaça impiedosamente o colonizado com o exótico e o erótico. Stuart Hall observa que “a sexualidade era um poderoso elemento na fantasia que o Ocidente construiu, e as ideias de inocência e experiência sexuais, dominação e submissão sexuais, desempenhavam uma complexa dança no discurso ‘do Ocidente e do Resto’”⁵ (HALL, 2005, p. 210). Hall destaca ainda o caráter gendrado dessa visão estereotipada: “a própria linguagem de conquista, exploração e dominação foi fortemente marcada por distinções de gênero e atraiu muito de sua força subconsciente de imagens sexuais”⁶ (HALL, 2005, p. 210).

No olhar voltado para a colônia e a mulher colonizada, transbordam visões decorrentes de discursos eurocêntricos. Vale a pena destacar que *Song of the Water Saints* desempenha um importante papel na problematização do olhar do colonizador, muitas vezes corroborado por pesquisas alegadamente científicas conduzidas à época. Um interessante exemplo pode ser percebido no seguinte trecho do texto do cartão

³ Todas as traduções presentes neste artigo são traduções livres da autora. Os textos na língua original constarão nas notas de rodapé.

⁴ Texto original: “Without the Rest (or its own internal “others”), the West would not have been able to recognize and represent itself as the summit of human history. The figure of “the Other”, banished to the edge of the conceptual world and constructed as the absolute opposite, the negation, of everything which the West stood for, reappeared at the very center of the discourse of civilization, refinement, modernity, and development in the West. “The Other” was the “dark” side – forgotten, repressed, and denied; the reverse image of enlightenment and modernity. (HALL, 2005, p. 221).

⁵ Texto original: “Sexuality was a powerful element in the fantasy which the West constructed, and the ideas of sexual innocence and experience, sexual domination and submissiveness, play out a complex dance in the discourse of ‘the West and the Rest’”. (HALL, 2005, p. 210).

⁶ Texto original: “the very language of exploration, conquest and domination was strongly marked by gender distinctions and drew much of its subconscious force from sexual imagery. (HALL, 2005, p. 210).

postal de Peter West ao alemão Eli Cavalier: "Oferta Especial Extra – Eu lhe enviarei 10 imagens delicadas, exóticas, e eróticas, trechos da magnífica ‘The Racial Beauty of Women’, de Carl Heinrich Stratz, além de um dicionário contendo 30.000 palavras, se você enviar 25 centavos para a adesão de experiência por um ano neste clube popular."⁷ (ROSARIO, 2002, p. 43).

Neste retrato que nos é representado, podemos perceber a objetificação, quase literal, da mulher na medida em que a imagem de seu corpo recebe um valor a ser comercializado. Esse tipo de entidade procurava apresentar algum elemento científico quando, na verdade, burlava as convenções da época em relação ao erótico. A menção ao ginecologista alemão Carl Heinrich Stratz (1858-1924) pode ser vista como uma referência ao impiedoso entrelaçamento do científico, do exótico e do erótico. Frances Gouda observa que, na Indonésia colonial, Stratz conduziu “pelo menos quinhentas operações exploratórias em prostitutas javanesas, desta forma apropriando-se e manipulando corpos de mulheres colonizadas como organismos vivos ao seu dispor para experimentação diagnóstica”⁸ (GOUDA, 2000). Irvin Cemil Schick observa:

[The Racial Beauty of Women] apareceu pela primeira vez em 1901 e passou por cerca de vinte impressões em três décadas. [A obra] é uma autêntica galeria de nudez multirracial com mais de quatrocentas fotografias, em sua maioria, de mulheres e meninas nuas de todo o mundo, bem como desenhos que pretendem mostrar as "proporções" físicas de mulheres de diferentes raças. A linguagem pseudocientífica do texto mistura-se livremente com a natureza francamente pornográfica das fotografias, oferecendo ao leitor/espectador/voyeur um harém virtual projetado para atender a todos os gostos imagináveis.⁹ (SCHICK, 1999, p. 80).

Frances Gouda acrescenta que a história do progresso científico e tecnológico na Holanda desde o fim do século XIX deve ser abordada como um processo que estava intimamente ligado e moldado por atividades experimentais na Indonésia colonial, processo este que foi convertido em pesquisas laboratoriais não regulamentadas e

⁷ Texto original: “Extra Special Offer – I will send you 10 dainty exotic erotic views, excerpts from Carl Heinrich Stratz’s stunning ‘The Racial Beauty of Women,’ plus a dictionary containing 30,000 words if you will send 25 cents for a year’s trial membership in this popular club.” (ROSARIO, 2002, p. 64-65).

⁸ Texto original: “[Dr. Carl Heinrich Stratz managed to conduct] at least five hundred exploratory operations on Javanese prostitutes, thus appropriating and manipulating colonized women’s bodies as living organisms at his disposal for diagnostic experimentation.” (GOUDA, 2000).

⁹ Texto original: “[*The Racial Beauty of Women*] first appeared in 1901 and went through some twenty printings in three decades. It is a veritable gallery of multiracial nudity featuring over four hundred photographs of mostly nude women and girls from all over the world, as well as line drawings purporting to show the physical ‘proportions’ of women of different races. The pseudo-scientific language of the text mingles freely with the frankly pornographic nature of the photographs, offering the reader/viewer/voyeur a virtual harem designed to cater every taste imaginable.” (SCHICK, 1999, p. 80).

irrestritas. Em tal ambiente, os investigadores europeus não teriam que honrar as considerações de custos humanos e sociais com as quais seriam confrontados na Europa (GOUDA, 2000).

Vale a pena ressaltar a postura contraditória do personagem Eli Cavalier no romance de Rosario. O alemão prega a prática do vegetarianismo como forma de estabelecer um mundo melhor. Ao mesmo tempo, Cavalier coleciona material fotográfico sob a aura de pesquisa científica quando este, na verdade, nada mais é do que material pornográfico produzido nas regiões coloniais mediante exploração de seus habitantes nativos. A antropóloga Ann Laura Stoler classifica a pesquisa de Stratz, em *Women in Java*, publicada em 1897, como uma “taxonomia racial pornográfica” e “pornografia científica”, onde “os prazeres sexuais do conhecimento científico se juntam à estética pornográfica da raça”¹⁰ (STOLER, 1995, p. 184). Stoler observa que a obra de Stratz, intensamente ilustrada com fotografias de mulheres javanesas desnudas com os braços levantados e as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, não é somente um tratado sexual sobre mulheres, mas “um tratado ‘científico’ sobre a estética da raça, o erótico do exótico, as mulheres javanesas como um protótipo do que torna seus corpos desejáveis e seus corpos e mentes tão distintos dos europeus”¹¹ (STOLER, 1995, p. 185). Talvez procurando seguir os passos de Heinrich Stratz, o personagem Eli Cavalier tenta imprimir um viés científico aos seus instintos mais selvagens e primitivos. Como se desenvolvesse uma pesquisa séria, Eli propõe a aplicação de um método para melhorar e intensificar o odor da mulher negra, baseando-se, segundo ele, em seus experimentos:

‘Depois de muitos experimentos, eu inventei um meio para melhorar e intensificar as exalações exóticas da Negra’, ele havia escrito em seu diário em tempos mais agradáveis antes da guerra. Ao esfregar a carne com lavanda seca ou tomilho fresco ou um concentrado dos dois depois de um banho de sal, ele acreditava que a mulher negra adquiria um perfume extremamente erótico, bem longe da insipidez da mulher branca. Esta foi a base de um panfleto que ele estava montando antes de seu exílio, e ele esperava terminá-lo aqui, onde entregar-se ao seu estudo era mais fácil, muito mais oportuno.¹² (ROSARIO, 2002, p. 68).

¹⁰ Texto original: “the sexual pleasures of scientific knowledge join with the pornographic aesthetic of race”. (STOLER, 1995, p. 184).

¹¹ Texto original: “[it is] a ‘scientific’ treatise on the aesthetics of race, on the erotics of the exotic, on Javanese women as a prototype of what makes their bodies desirable to, and their bodies and minds so distinctive from, Europeans.” (STOLER, 1995, p. 185).

¹² Texto original: “‘After much experimenting I have invented a means for improving and intensifying the exotic exhalations of the Negress,’ he had written in his journal in more pleasurable times before the war. By rubbing her flesh with dry lavender or fresh thyme or a concentrate of the two after a salt bath, he believed the black woman acquired an extremely erotic perfume, quite apart from the insipidness of the

Podemos perceber a objetificação que é lançada contra a mulher negra, que é apresentada como se fosse algo naturalmente erótico, exótico, voluptuoso, e, especialmente, impuro, necessitando ser constantemente limpo antes de ser utilizado. Além disso, outro estereótipo em relação à mulher é pontuado. Podemos notar que é projetada na mulher branca a imagem de algo insípido, que não possui características naturais suficientes para satisfazer o homem. Observamos que o denominador comum entre essas duas visões estereotipadas é a condição inferior ocupada pela mulher de qualquer raça em relação à figura masculina. Segundo esse tipo de pensamento, a mulher deve ser moldada e utilizada em função do papel que desempenha diante do homem.

Song of the Water Saints oferece um espaço de discussões não somente sobre a posição inferior ocupada pelas mulheres em um contexto androcêntrico, mas também sobre a condição subalterna de sujeitos colonizados, contribuindo, desta forma, para a inserção de vozes silenciadas. O primeiro capítulo do romance, intitulado “Invasions – 1916”, é ambientado no período de ocupação estadunidense na República Dominicana. O título deste capítulo remete o leitor não somente à invasão estrangeira no solo dominicano. Pode-se perceber também a invasão realizada dentro do espaço privado, uma vez que as forças militares estendem suas ações a essas áreas. O romance oferece uma ilustração dessa postura que trata o cidadão comum de forma degradante dentro de sua própria terra natal.

À procura de armas nas mãos dos habitantes do país, os soldados estadunidenses, acompanhados por um intérprete, invadem violentamente a casa da família de Graciela. Podemos estender ainda a questão das invasões em relação à integridade do corpo desse indivíduo subalterno posicionado à sombra da sociedade de seu solo materno. Desferindo seu poder institucionalizado, o intérprete dos soldados estrangeiros age contra Graciela:

"[...] ele [o intérprete] apertou o nariz de Graciela até que houvesse sangue, que ele limpou na blusa dela. Agora você tem o meu nariz aquilino, ele disse, então ele sugou o resto do sangue em seus dedos. Esta demonstração exagerada de barbárie alimentou em Graciela mais raiva do que medo. Mai [mãe de Graciela], Graciela, e Fausto [irmão de Graciela] observavam enquanto ele [o intérprete] ajudava os

white woman. This was the basis of a pamphlet he had been putting together prior to his exile, and he hoped to finish it here, where indulging his study was easier, far more opportune.”¹² (ROSARIO, 2002, p. 68).

ianques a carregarem os cavalos com garrafas de rum de cana-de-açúcar. Antes de partirem, eles lavaram as mãos no barril de água fresca de chuva da família.”¹³ (ROSARIO, 2002, p. 15)

Além das forças estrangeiras em seu país, o indivíduo marginalizado pode ainda ter que lidar com a opressão produzida por membros de sua própria comunidade, como aqueles que compactuam com o novo *status quo*. É relevante destacar a representação da postura de superioridade assumida pelos soldados contra os dominicanos, atitude adotada também em relação a outros povos ditos subalternos. Sobre o posicionamento dos Estados Unidos no século XIX, G. Pope Atkins e Landman C. Wilson observam que, nessa época, a política hemisférica estadunidense focava as ações dos grandes poderes externos, relegando os latino-americanos à consideração secundária ou periférica (ATKINS; WILSON, 1998, p. 20-21). Atkins e Wilson acrescentam que, quando os latino-americanos confrontavam a si mesmos, os oficiais dos Estados Unidos adotavam uma atitude condescendente: “Eles [os oficiais estadunidenses] permaneciam relutantes a abandonarem seu predomínio na região, especialmente na área do Caribe, e tendiam a presumir que os latino-americanos eram incapazes de gerenciar suas próprias questões governamentais e financeiras.”¹⁴ (ATKINS; WILSON, 1998, p. 21).

Em *Song of the Water Saints*, podemos verificar outro exemplo dessa linha de pensamento de alegada posição superior em relação a outros grupos ou culturas. Quando Graciela estava com quatro anos de idade, foram à sua casa três freiras missionárias espanholas que faziam visitas aos habitantes da cidade a fim de que as crianças fossem catequizadas na igreja colonial. Na semana seguinte, Graciela estava na igreja. Lá, ela fica fascinada por um globo terrestre que apresenta pequenos desenhos de animais típicos de várias regiões do mundo. Como representante do Caribe, havia um desenho da cabeça de uma iguana e, da Espanha, um cachorro. Ao ouvir da freira Sol Luz que ela havia partido da Espanha para o Caribe, Graciela indaga:

—¿Por que você veio para esta iguana e não para as orelhas do cachorro ali? Graciela moveu o dedo de Sol Luz na direção oposta.
—Eu vim para trazer Jesus, ela disse, deixando saliva no globo.

¹³ Texto original: “[...] he [the interpreter] clamped Graciela’s nose and held it until there was blood, which he wiped against her blouse. —Now you’ve got my aquiline nose, he said, then sucked the rest of her blood from his fingers. This overeager display of barbarism fueled in Graciela more anger than fear. Mai, Graciela, and Fausto watched as he helped the yanqui-men load their horses with bottles of cane rum. Before taking off, they rinsed their hands in the family’s barrel of fresh rainwater. (ROSARIO, 2002, p. 15).

¹⁴ Texto original: “They were reluctant to relinquish predominance in the region, especially in the Caribbean area, and tended to assume that Latin Americans were incapable of managing their own governmental and financial affairs.” (ATKINS; WILSON, 1998, p. 21).

¿Por que trazer Jesus para esta pequena iguana quando havia animais maiores? Novas perguntas formigaram na garganta de Graciela, antes que ela pudesse terminar a última pergunta; as respostas importavam menos.

—Ah, o dilema do trabalho missionário, a freira disse, como se tentando descobrir por si mesma por que ela estava lá naquele pedaço de terra com tanta miséria.

—¿E alguém vive aqui? Graciela apontou para touros e cavalos azuis.

—Nem sempre é bom para uma garotinha fazer tantas perguntas, Sol Luz disse. —Ninguém vive no oceano. Claro, o Senhor criou os peixes e animais marinhos, mas não as mulheres pecadoras com cauda, ou fantasmas de piratas, ou os santos das águas sobre os quais vocês falam.

[...]

¿Mas quanto maior poderia ser o mundo quando a cabeça de um animal minúsculo era o seu mundo inteiro? ”¹⁵ (ROSARIO, 2002, p. 27)¹⁶.

Nessa cena, pode-se observar uma representação do olhar deturpado que os representantes de instituições religiosas lançavam contra os povos que habitavam as regiões pertencentes ao dito “Novo” Mundo, comportamento este muitas vezes corroborado por forças governamentais. Através da construção de conceitos moldados à luz do olhar do colonizador, o Ocidente estabeleceu-se como o centro hegemônico. Stuart Hall *et al.* afirmam que:

O Ocidente forjou a sua identidade e seus interesses em relação aos desenvolvimentos endógenos na Europa e na América, e através de relações de troca desigual (material e cultural) com o “Resto” – o frequentemente excluído, conquistado, colonizado, e explorado “outro”¹⁷ (HALL *et al.*, 2005, p. 426).

¹⁵ Texto original: “—¿ Why did you come to this iguana and not to the dog’s ears over there? Graciela moved Sol Luz’s finger in the opposite direction. —I came to bring Jesus, she said, leaving some spittle on the globe. ¿Why bring Jesus to such a small iguana when there were bigger animals? New questions prickled Graciela’s throat before she could finish asking the last; the answers mattered less. —Ah, the dilemma of mission work, the nun said, as if trying to sort out for herself why she was there on that speck of land with so much misery. —¿And does anyone live here? Graciela pointed to blue bulls and horses. —Not always good for a little girl to ask so many questions, Sol Luz said. —No one lives in the ocean. Sure, the Lord created fishes and sea animals, but not the sinful women with fish-tails, or pirate ghosts, or the water saints that you people talk about. [...] ¿But how much bigger could the world be when the head of a tiny animal was her whole world?” (ROSARIO, 2002, p. 27)

¹⁶ Nas nossas traduções dos fragmentos de *Song of the Water Saints*, optamos por reproduzir os pontos de interrogação e de exclamação invertidos, presentes na língua espanhola, como figuram no original. Apesar de reconhecermos sua inexistência na gramática da língua portuguesa, procuramos, assim, mantermo-nos alinhados com a utilização de tais elementos como o faz Nelly Rosario ao empregá-los na língua inglesa, que tampouco possui tais sinais de pontuação.

¹⁷ Texto original: “Modernity developed at the intersection of national and international conditions and processes. It was shaped by both “internal” and “external” forces. The West forged its identity and interests in relation to endogenous developments in Europe and America, and through relations of unequal exchange (material and cultural) with “the Rest” – the frequently excluded, conquered, colonized, and exploited ‘other’” (HALL *et al.*, 2005, p. 426).

As sociedades dominadoras ainda procuram desfrutar, de uma forma ou de outra, da premissa de sua condição de colonizadora, provavelmente como resultado desta política de dominação estabelecida durante séculos, que toma para alguns grupos ou nações o direito, e, mais do que isso, o dever de levar o que consideram civilização às comunidades tidas por eles como subalternas. Percebendo a cultura etnocêntrica como representante de tudo o que deveria ser preservado e perpetuado, as demais culturas não possuíam o devido valor. Uma leitura do título do romance *Song of the Water Saints* pode ser a tentativa de reestabelecer o valor que fora destituído desses povos e culturas. E, em análise mais ampla, contribuir para o reposicionamento dessas culturas ex-cêntricas, utilizando o termo cunhado por Linda Hutcheon (2000), e para a inserção de vozes silenciadas.

O romance proporciona ainda ao leitor tomar consciência, através de uma perspectiva pessoal, de um evento histórico ocorrido em 1937 que, mesmo tendo resultado em milhares de mortos, permanece ignorado por muitos. No Massacre de 1937, milhares de haitianos foram mortos por ordem do governo dominicano, que se empenhou em tentar distorcer os fatos e, ainda, transferir a responsabilidade às vítimas (HEINL; HEINL, 2005). Estima-se que vinte e cinco mil haitianos foram mortos por baionetas ou jogados no mar para serem devorados por tubarões (GIRARD, 2005, p. 91), tornando, dessa forma, praticamente impossível o registro oficial da morte de cada um desses indivíduos.

Os motivos que envolveram os eventos que culminaram no Massacre de 1937 não foram totalmente esclarecidos nos registros oficiais da história. Todavia, é impossível considerar que seus efeitos não tenham atingido, de uma maneira ou de outra, os indivíduos dos dois países envolvidos, indivíduos estes alvos ou não dessa atrocidade. Como resultado de uma política preconceituosa desferida por ambos os lados, a convivência de dominicanos e haitianos tem se apresentado problemática.

Em *Song of the Water Saints*, podemos perceber os efeitos dessa construção estereotipada na personagem Mercedes. Ainda menina, Mercedes já ouvia comentários e presenciava situações em que os haitianos, incluindo crianças, eram denegridos, o que acabou por fazer parte também de seu próprio comportamento, como podemos inferir a partir de suas observações: “Mas os haitianos nos têm poluído com a sua língua, suas superstições, seu suor, por tempo demais [...]”¹⁸ (ROSARIO, 2002, p. 181). Contudo,

¹⁸ Texto original: “But the Haitians have been polluting us with their language, their superstitions, their sweat, for too long [...]”(ROSARIO, 2002, p. 181).

quando Mustafá, o dono do quiosque em que Mercedes trabalhava, retorna à cidade meses após o massacre sem sua mão esquerda, Mercedes se dá conta de que a matança fora indiscriminada. Mustafá, um turco de pele escura, deve ter sido confundido com um haitiano ou, mesmo que não o fora, a questão racial deve ter prevalecido. (ROSARIO, 2002, p 181).

Nesse processo de fomentar um olhar crítico sobre posicionamentos ditos tradicionais e oferecer um espaço para inserção de vozes silenciadas, temos ainda a valiosa contribuição do romance *Breath, Eyes, Memory*, de Edwidge Danticat. Na obra, a haitiana Sophie Caco é criada por sua tia no Haiti até que, aos doze anos de idade, passa a morar em Nova York com sua mãe Martine, de quem ela mal se recorda. A obra passa-se no período do governo do ditador François Duvalier. O ditador instituiu uma polícia particular denominada *Tonton Macoute*, que aterroriza os cidadãos haitianos. A concepção de Sophie ocorre quando sua mãe é estuprada por um membro desse grupo. Antes de ser estuprada, Martine era submetida a “testes de virgindade” realizados por sua mãe. Apesar de ter sofrido com tais atos, Martine efetua os mesmos testes em Sophie, perpetuando o tratamento abusivo e sexista que recebeu de sua mãe. Além de se ver em Nova York, tentando lidar com a condição de sujeito diaspórico, Sophie ainda tem que lidar com o abuso cometido por sua mãe, Martine.

Nos Estados Unidos, Sophie toma conhecimento da maneira como ela foi concebida e, ainda, dos testes de virgindade aos quais a mãe e a tia foram submetidas. Martine descreve os testes que a avó de Sophie fazia nas duas filhas, como se tal ato fosse algo necessário para a manutenção da honra da família. No Haiti, de acordo com Lucía M. Suárez, a honra continua a ser uma das posses de maior valor que uma mulher e sua família podem manter e, desta forma, o estupro claramente ameaça a reputação da vítima e sua família. Suárez acrescenta que “muitas vítimas evitam ir a público – ou relatar o crime à polícia ou a autoridades militares, que frequentemente são ‘estupradores autorizados’ - em uma tentativa de preservar sua moral dentro da comunidade.”¹⁹ (SUÁREZ, 2006, p. 62).

No romance de Danticat, a honra da família havia sido destruída pelo estupro sofrido por Martine e, mesmo que tentassem ocultar o ocorrido, a gravidez resultante não possibilitaria esconder o abuso. Sophie é a materialização da violência sexual

19 Texto original: “Many victims avoid going public – or reporting the crime to police or military officials, who often are ‘authorized rapists’ – in an attempt to preserve their moral standing within the community.” (SUÁREZ, 2006, p. 62).

sofrida pela família Caco, violência esta dirigida às mulheres, muitas vezes, com a convivência do poder governamental.

Na violência presente em relatos sobre a história do Haiti e no romance de Edwidge Danticat, pode-se notar a opressão exercida sobre as mulheres. De acordo com Philippe Girard, no período de 1991 a 1994, o estupro foi utilizado como um instrumento de terror pela política haitiana. Girard acrescenta que as mulheres eram selecionadas com base em sua associação com o regime de Jean-Bertrand Aristide e estupradas, muitas vezes na frente de seus familiares. (GIRARD, 2005, p. 134). É oportuno destacar como a dominação masculina sobre as mulheres pode ser perpetuada por sujeitos femininos que incorporam, em suas próprias vidas, a opressão que sofrem ou já sofreram, como se pode observar nas palavras de Martine:

Quando eu [Martine] era menina, minha mãe costumava nos testar para ver se nós éramos virgens. Ela colocava o dedo nas nossas partes íntimas e via se entrava. Sua tia Atie odiava isto. Ela costumava gritar como um porco em um matadouro. Da maneira como minha mãe foi criada, uma mãe deve fazer isso com sua filha até que a filha esteja casada. É responsabilidade dela mantê-la pura. ”²⁰ (DANTICAT, 1994, p. 60-61).

Embora tivesse consciência da dor física e psicológica que envolvia os testes, Martine submete a filha ao mesmo tratamento, o que abala ainda mais o frágil relacionamento entre elas. Os testes feitos em Martine duraram até ela ser estuprada por um soldado *Tonton Macoute*, violência esta responsável por sua gravidez. Apesar de todo o sofrimento envolvido nos supostos testes, Martine toma para si a posição de instrumento de tal ato. Podemos ler sua atitude como ilustração do que foi discutido por Foucault (2000). O corpo humano é desarticulado de tal forma pelas relações de poder que se torna um corpo dócil, disciplinado, politicamente submisso e economicamente útil. A anatomia política que surge é capaz de estabelecer formas de dominar o corpo dos outros a fim de que se tornem cada vez mais obedientes politicamente e, ao mesmo tempo, úteis economicamente. Foucault acrescenta que a “disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. (FOUCAULT, 2000, p. 143)

²⁰ Texto original: “When I [Martine] was a girl, my mother used to test us to see if we were virgins. She would put her finger in our very private parts and see if it would go inside. Your Tante Atie hated it. She used to scream like a pig in a slaughterhouse. The way my mother was raised, a mother is supposed to do that to her daughter until the daughter is married. It is her responsibility to keep her pure.” (DANTICAT, 1994, p. 60-61)

Martine parece concordar com os testes e sua perpetuação, uma vez que ela classifica a ação como sendo responsabilidade da mãe para com a filha e não apresenta contestação alguma a essa violência. Foucault destaca que o “poder disciplinar” é “um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor.” (FOUCAULT, 2000, p. 143).

Aos dezoito anos, quando estava prestes a entrar na universidade, Sophie interessa-se por Joseph, um vizinho que possui a mesma idade de sua mãe. Quando a jovem retorna de madrugada de um encontro com ele, Martine a aguardava com um cinto em suas mãos. Ao questionar onde a filha estava, Martine batia o cinto na palma de sua própria mão com tanta força que esta ficava cada vez mais vermelha, parecendo demonstrar raiva por sua filha. Nesse dia, Martine submete a filha à mesma violência que sofreu: “Ela [Martine] pegou minha mão com uma gentileza surpreendente, e me guiou para o andar de cima para o meu quarto. Lá, ela me fez deitar na minha cama e me testou.”²¹ (DANTICAT, 1994, p. 84). O ato de confirmar a virgindade da filha ilustra o preconceito internalizado que Martine desenvolveu ao perpetuar ações claramente machistas. Myriam J. A. Chancy afirma que:

É porque ela [Martine] internalizou a ideologia da inferioridade feminina que a mãe de Sophie é capaz de abusar da filha. Ensinada a desprezar o corpo feminino por si mesmo e convertê-lo somente como um meio de adquirir um parceiro, a mãe de Sophie comete incesto contra a filha, racionalizando seu comportamento como necessário para a sobrevivência de sua filha. ²² (CHANCY, 1997, p. 121).

Embora a palavra “incesto”, utilizada por Chancy, possa não ser considerada adequada por alguns, uma vez que não há cunho libidinoso no ato de Martine, é impossível negar que o ato realizado pela mãe de Sophie viola o corpo de sua própria filha. A postura de inferioridade de Martine em relação a sujeitos masculinos é tão intensa que ela acredita que a virgindade de sua filha é algo que deva ser oferecido a seu futuro marido, o que demonstra o quanto Martine internalizou a objetificação da mulher. Como discutido por Pierre Bourdieu, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem

²¹ Texto original: “She [Martine] took my hand with surprised gentleness, and led me upstairs to my bedroom. There, she made me lie on my bed and she tested me.” (DANTICAT, 1994, p. 84).

²² Texto original: “It is because she has internalized the ideology of female inferiority that Sophie’s mother is capable of abusing her daughter. Taught to despise the female body for itself and to covert it only as a means by which to acquire a male mate, Sophie’s mother commits incest against her daughter, rationalizing her behavior as necessary to her daughter’s survival.” (CHANCY, 1997, p. 121).

necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2005, p. 18). Ao não precisar estabelecer justificativas, a dominação masculina figura como algo inerente à humanidade, atribuindo aos sujeitos femininos representações construídas com um viés opressor.

Discutindo o romance de Danticat, Chancy acrescenta que, como um ritual entre mãe e filha realizado através de gerações, “o ‘teste’ que deixa marcas em Sophie por toda a vida é um produto da supressão da sexualidade feminina e da codificação dos corpos das mulheres como reservatórios para a gratificação masculina no casamento.”²³ (CHANCY, 1997, p. 121). Ao efetuar os testes estabelecidos pela instituição familiar dentro de um contexto patriarcal, Martine toma para si a responsabilidade de garantir a perpetuação da subjugação feminina.

É importante destacar que os padrões sexistas estabelecidos pela cultura de origem e perpetuados por membros de sua terra natal podem atingir significativamente o processo de construção da identidade do sujeito feminino. A mãe de Sophie sonha para a filha uma vida repleta de opções às quais ela mesma não teve acesso em sua terra natal. De acordo com Atie, tia de Sophie, os homens haitianos acreditam que as mulheres possuem dez dedos com propósitos específicos a fim de ensiná-las a se preparem para serem mulheres: “Ser mãe. Ferver. Amar. Assar. Cuidar. Fritar. Curar. Lavar. Passar. Esfregar.”²⁴ (DANTICAT, 1994, p. 151). A angústia de Atie é tão profunda que, às vezes, a tia de Sophie desejava possuir seis dedos em cada mão para que ela pudesse ter a oportunidade de fazer algumas escolhas por si mesma.

A obra de Danticat não somente oferece visibilidade a um povo, mas também à própria especificidade do indivíduo. Além de ter que lidar com questões familiares longe do lugar que sempre reconheceu como lar, Sophie ainda tem que lidar com a complexidade que pode emanar em ser um sujeito diaspórico. Nos Estados Unidos, Sophie é submetida a humilhações por ser haitiana de origem africana. A jovem estuda em uma escola particular bilíngue, que ela odeia: “Era como se eu nunca tivesse saído

²³ Texto original: “the ‘testing’ that scars Sophie for life is a product of the suppression of female sexuality and the codification of women’s bodies as vessels for male gratification in marriage.” (CHANCY, 1997, p. 121).

²⁴ Texto original: “Mothering. Boiling. Loving. Baking. Nursing. Frying. Healing. Washing. Ironing. Scrubbing.” (DANTICAT, 1994, p. 151).

do Haiti. Todas as lições eram em francês, exceto pelas aulas de composição e literatura inglesa. Fora da escola, nós éramos os ‘francesinhos’”.²⁵ (DANTICAT, 1994, p. 66).

Os alunos da escola pública do outro lado da rua chamam Sophie e seus colegas de *boat people*,²⁶ em uma referência pejorativa aos imigrantes ilegais que chegavam aos Estados Unidos, e de “haitianos fedidos”. Assim que Sophie passa a morar nos Estados Unidos, Martine deseja que a filha aprenda a língua inglesa a fim de que ela não seja marginalizada:

Minha mãe disse que era importante que eu aprendesse inglês rapidamente. Do contrário, os alunos americanos zombariam de mim ou, até mesmo pior, me bateriam. Muitas outras mães do lar geriátrico onde minha mãe trabalhava tinham lhe contado que seus filhos estavam entrando em brigas na escola porque eles eram acusados de terem odor corporal haitiano - HBO. Muitas crianças americanas até mesmo acusavam os haitianos de terem AIDS porque eles tinham ouvido na televisão que somente os “Quatro Hs” pegavam AIDS – viciados em Heroína, Hemofílicos, Homossexuais, e Haitianos.²⁷(DANTICAT, 1994, p. 51).

No romance, as crianças estadunidenses veem os haitianos de maneira estereotipada como reflexo da política preconceituosa realizada pelo governo dos Estados Unidos. De acordo com o historiador Philippe Girard, no fim dos anos 1970 o vírus da AIDS teve um impacto devastador na sociedade e na economia haitianas. Girard acrescenta que, baseando-se em estudos que mostravam o alto nível de contaminação no Haiti, o Centro para Controle de Doenças dos Estados Unidos²⁸ requereu a inclusão dos haitianos entre os grupos de alto risco, a lista dos “Quatro Hs”. (GIRARD, 2005, p. 103). O temor em adquirir AIDS contribuiu para elevar o preconceito dirigido aos haitianos. Girard destaca que “essa [inclusão] tornou ainda

²⁵ Texto original: “It was as if I had never left Haiti. All the lessons were in French, except for English composition and literature classes. Outside the school, we were ‘the Frenchies’.” (DANTICAT, 1994, p. 66).

²⁶ Em relação ao termo *boat people*, optamos por não traduzir tal vocábulo uma vez que acreditamos que a língua portuguesa não consegue dar conta em apenas um termo das especificidades envolvidas. Lembramos que *boat people* e *rafters* (*balseiros*) são utilizados para se referirem aos imigrantes ilegais, especialmente os provenientes do Caribe, que partem de suas terras natais por meio de barcos ou balsas. Movidos por questões políticas e/ou econômicas, tais indivíduos, muitas vezes, são discriminados no país de destino não somente pelos membros da sociedade dominante, mas também por seus compatriotas que apresentam *status* de imigrantes legais ou que foram até mesmo bem recebidos pelo governo, como foi o caso dos *golden exiles* cubanos.

²⁷ Texto original: “My mother said it was important that I learn English quickly. Otherwise, the American students would make fun of me or, even worse, beat me. A lot of other mothers from the nursing home where she worked had told her that their children were getting into fights in school because they were accused of having HBO – Haitian Body Odor. Many of the American kids even accused Haitians of having AIDS because they had heard on television that only the “Fours Hs” got AIDS – Heroin addicts, Hemophiliacs, Homosexuals, and Haitians.”²⁷ (DANTICAT, 1994, p. 51).

²⁸ the U.S. Center for Disease Control.

mais difícil aos emigrantes haitianos obterem aceitação em seu país de destino. Eles já eram estereotipados como famintos, viciados em drogas, adoradores de Satã; eles agora também estavam marcados com o H escarlate”.²⁹ (GIRARD, 2005, p. 103).

É importante destacar que esse olhar preconceituoso desferido pelo poder dominante em relação ao povo haitiano pode acabar por ser internalizado por membros dessa comunidade marginalizada. Uma representação desse olhar pode ser observada no restaurante haitiano em Nova Jersey, ao qual Marc, namorado de Martine, leva mãe e filha. No estabelecimento, alguns clientes de origem haitiana discutem política e um deles indaga: “E quanto aos *boat people*? [...] Por causa deles, as pessoas não podem nos respeitar neste país. Elas juntam todos nós com eles indiscriminadamente.”³⁰ (DANTICAT, 1994, p. 54). O mesmo termo utilizado pelas crianças estadunidenses contra as haitianas, isto é, *boat people*, é também usado por indivíduos dessa comunidade. Ao se colocar em uma posição superior aos seus compatriotas e ainda culpá-los pela segregação realizada por membros da sociedade dominante, o cliente do restaurante apresenta uma postura marcada pela ótica do dominador, olhando a si mesmo com o olhar do opressor.

Muito ressentimento pode ser visto em ambos os lados da ilha de Hispaniola, que inclui a República Dominicana e o Haiti. Os dominicanos, por exemplo, ainda se apresentam sensíveis à ocupação haitiana ocorrida no século XIX. Entretanto, é importante que os dominicanos e os haitianos sejam capazes de desenvolver um relacionamento harmonioso de convivência, ainda mais por dividirem o mesmo espaço geográfico. Ao discutirem a questão, ainda atual, da deportação de trabalhadores haitianos da República Dominicana, Edwidge Danticat e Junot Diaz, autor dominicano-americano, alertam que os haitianos e os dominicanos devem protestar contra “a retórica política racialmente tingida que dá a muitos dominicanos a falsa percepção de que todos os seus problemas desaparecerão somente se os haitianos forem embora.”³¹ (DANTICAT; DIAZ, 1999). Ao estabelecerem outros povos como responsáveis pela indesejável situação econômica, social e política de seus respectivos países, os governos

²⁹ Texto original: “This [the inclusion] made it even more difficult for Haitian emigrants to gain acceptance in their country of destination. They were already stereotyped as hungry, Satan-worshipping drug addicts; they were now branded with the scarlet H as well.” (GIRARD, 2005, p. 103).

³⁰ Texto original: “What about the boat people? [...] Because of them, people can’t respect us in this country. They limp us all with them.” ³⁰ (DANTICAT, 1994, p. 54).

³¹ Texto original: “the racially tinged political rhetoric that has given too many Dominicans the false perception that all their problems will disappear if only the Haitians will go away”. (DANTICAT, DIAZ, 1999).

podem acabar por promover, intencionalmente ou não, uma insana caça às bruxas contra o suposto alvo.

A polêmica decisão judicial da Corte Constitucional da República Dominicana, mencionada no início deste artigo, acabou por aproximar os haitianos e dominicanos que vivenciam a diáspora em solo estadunidense. É interessante destacar que tal decisão judicial acabou por aproximar os indivíduos com origens dominicanas e haitianas que residem em Nova York. Kirk Semple observa que:

Estela Vazquez, uma imigrante dominicana e vice-presidente executiva da Local 1199 of the Service Employees International Union, disse que a, por vezes difícil, experiência de imigração de muitos dominicanos nos Estados Unidos deve tornar essa comunidade particularmente sensível ao sofrimento da população haitiana na República Dominicana.

"Nós temos visto o que acontece quando você deixa seu país como imigrante rumo a outro lugar e tem havido obstáculos e discriminação", disse ela. "Eu acho que, como dominicanos na diáspora, temos uma responsabilidade especial em denunciar o que aconteceu na República Dominicana". [...] "Eu me sinto constrangida e envergonhada", disse ela. "Sinto-me obrigada a ficar com os meus irmãos e irmãs haitianos." 32 (SEMPLE, 2013, grifo nosso).

Neste caso específico, podemos observar que, de certa forma, a experiência diaspórica proporcionou uma aproximação entre dominicanos e haitianos que parece não ter ocorrido anteriormente ainda que os dois grupos dividam a ilha de Hispaniola. As considerações apresentadas pela imigrante dominicana citada na reportagem demonstram que os dois grupos parecem ter dado os primeiros passos na direção do estabelecimento de elos fraternais entre si. Ao vivenciarem os mesmos tipos de discriminação e dificuldade dos haitianos na República Dominicana, os imigrantes dominicanos em Nova York acabaram por solidarizar-se com a difícil posição ocupada pelos haitianos em solo dominicano. Mesmo próximos geograficamente na região caribenha, foi somente a partir da experiência de uma vida deslocada e do reconhecimento de si mesmos como sujeitos ex-cêntricos que a comunidade dominicana pôde estabelecer algum tipo de união com os haitianos.

³² Texto original: "Estela Vazquez, a Dominican immigrant and executive vice president of Local 1199 of the Service Employees International Union, said the sometimes difficult immigration experience of many Dominicans in the United States should make that community particularly sensitive to the plight of the Haitian population in the Dominican Republic. 'We've seen what happens when you leave your country as an immigrant to another place and there have been obstacles and discrimination,' she said. 'I think as Dominicans in the diaspora, we have a special responsibility to denounce what has happened in the Dominican Republic.' [...] 'I'm embarrassed and ashamed,' she said. "I feel compelled to stand *with my Haitian brothers and sisters.*" (SEMPLE, 2013, my emphasis).

Ainda que, na experiência de habitar uma nova sociedade, relações significativamente conflituosas possam surgir, existe a possibilidade de emergir dessa fricção de linhas fronteiriças algo positivo nesse processo. Talvez essa conexão tenha sido forjada pelo fato de os sujeitos diaspóricos habitarem, como discutido por Eduardo Coutinho, esse “*espaço de diálogo*, da troca e de um possível *entendimento*, o *local de enriquecimento* gerado pela própria diferença entre os elementos que se enfrentam” (COUTINHO, 2013, p. 121, grifo nosso). A experiência diaspórica pode fornecer um importante palco de reflexão sobre o olhar que é lançado a grupos ou indivíduos deslocados, proporcionando uma possível área de mediação. Ao constatarem as imagens distorcidas que foram criadas a respeito deles, os indivíduos podem dar-se conta que talvez adotem um comportamento preconceituoso similar.

Ao produzirem obras que podem fomentar a problematização de pré-conceitos solidificados na sociedade, escritoras contemporâneas de origem caribenha, como Edwidge Danticat e Nelly Rosario, exercem um relevante papel nesse processo. Os romances abordados neste artigo fornecem um importante espaço de inserção de vozes silenciadas, proporcionando ainda reflexões sobre questões relacionadas à dominação em diversos níveis e à criação de imagens distorcidas de indivíduos, grupos ou povos. As obras selecionadas podem ainda instigar uma reavaliação de si mesmo efetuada não somente pelo dominador, mas também pelo dominado, contribuindo para a desconstrução de pré-conceitos e estereótipos e fomentando um vigoroso cenário de reflexão sobre o tema. *Song of the Water Saints*, de Nelly Rosario, e *Breath, Eyes, Memory*, de Edwidge Danticat, fornecem uma relevante oportunidade de inserção desses indivíduos marginalizados, cujas vozes foram silenciadas, esquecidas ou apagadas dos registros da história oficial.

REFERÊNCIAS

ATKINS, G. Pope; WILSON, Larman C. *The Dominican Republic and the United States: from Imperialism to Transnationalism*. Athens: University of Georgia Press, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4ª ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHANCY, Myriam J. A. *Framing Silence: Revolutionary Novels by Haitian Women*. New Jersey: Rutgers University Press, 1997.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada: reflexões*. São Paulo: Annablume, 2013.

DANTICAT, Edwidge. *Breath, Eyes, Memory*. New York: Vintage Books, 1994.

_____. ; DIAZ, Junot. “The Dominican Republic’s War on Haitian Workers”. In: *The New York Times*, 1999. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1999/11/20/opinion/the-dominican-republic-s-war-on-haitian-workers.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 22ª ed. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000.

GARCIA, Sandra E. “Boon Dominican, but Locked out by Haitian Roots and lack of ID”. In: *The New York Times*, 2015. Disponível em: http://www.nytimes.com/2015/10/30/world/americas/born-dominican-but-locked-out-by-haitian-roots-and-lack-of-id.html?_r=0. Acesso em: 01 jun. 2016.

GIRARD, Philippe R. *Paradise Lost: Haiti’s Tumultuous Journey from Pearl of the Caribbean to Third World Hotspot*. New York: Palgrave USA, 2005.

GOUDA, Frances. “Mimicry and projection in the colonial encounter: the Dutch East Indies/Indonesia as experimental laboratory, 1900-1942”. In: *Journal of Colonialism and Colonial History* 1.2, 2000.

HALL, Stuart. “The West and the Rest: Discourse and Power”. In: HALL, Stuart et al (Eds.). *Modernity: An Introduction to Modern Societies*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 184-227.

HALL, Stuart; HELD, David; McLENNAN, Gregor. “Introduction to Part III: modernity and its futures”. In: Stuart Hall et al. (Eds.). *Modernity: an introduction to modern societies*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 425-435.

HEINL, Robert; HEINL, Nancy. *Written in Blood: The Story of the Haitian People 1492-1995*. 2ª ed. Lanham: University Press of America, 2005.

HUTCHEON, Linda. *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction*. Nova York: Routledge, 2000.

ROSARIO, Nelly. *Song of the Water Saints*. Nova York: Vintage Books, 2002.

SEMPLE, Kirk. “Dominican Court’s Ruling on Citizenship Stirs Emotions in New York”. In: *The New York Times*, Oct. 17, 2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/10/18/nyregion/dominican-courts-ruling-on-citizenship-stirs-emotions-in-new-york.html?partner=rssnyt&emc=rss&r=0&pagewanted=print>. Acesso: 18 out.2013.

SCHICK, Irvin Cemil. *The erotic margin: sexuality and spatiality in alteritist discourse*. Londres: Verso, 1999.

STOLER, Ann Laura. *Race and the education of desire: Foucault's History of Sexuality and the colonial order of things*. Londres: Duke University Press, 1995.

SUÁREZ, Lucía M. *The Tears of Hispaniola: Haitian and Dominican Diaspora Memory*. Gainesville: University Press of Florida, 2006.